

UM CERTO NORDESTE: representações sociais de universitários

Clarilza Prado de Sousa *

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas **

RESUMO

O estudo, realizado com 1029 universitários dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras, procurou identificar como o Nordeste era representado no mapa do Brasil e as características apontadas, na região, em relação aos seguintes aspectos: imigrações, manifestações culturais, tipo de economia, relevância histórica, religião, razões de escolha quando indicado como local de preferência, informações sobre a região e naturalidade. O tratamento dos dados exigiu uma multiplicidade de processamentos e análises. Para questões abertas, estudo do desenho e dos mapas elaborados pelos estudantes, foi realizada a análise de conteúdo e empregado o programa *ALCESTE*. Procedeu-se a uma pré-codificação das questões, o que permitiu um processamento a partir dos programas *SPSS* e *CHIC* para investigar a relação de similitude e implicação entre as categorias identificadas. Os resultados apontaram que as representações dos estudantes sinalizam uma naturalização da pobreza econômica e da riqueza cultural do Nordeste que, no entanto, não se traduz em um conflito mobilizador de crítica, indicando uma visão idealizada dessa região.

Palavras-chave: Representações Sociais – Nordeste – Brasil

ABSTRACT

A CERTAIN NORTHEAST: social representation of university students

The research was conducted with 1,029 students of the university courses in Nursing, Engineering, Medicine, Education and Social Service from public and private institutions of the five Brazilian regions. The objective was to identify the representations of *Northeast* on the Brazilian map and the characteristics of this region concerning the following issues: immigration, cultural events, type of economy, historical relevance, religion, reasons for choice when indicated as a place of preference, information about the region and origin. Data processing required a multitude of processing and analysis. For open questions, the design and analysis of the maps prepared by students was conducted to analyze content using the program *ALCESTE*. There was a pre-

* Doutora em Educação. Coordenadora do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais, Subjetividade e Educação (CIERS-ed) da Fundação Carlos Chagas. Pesquisadora Sênior. Professora da PUC-SP. Endereço para correspondência: Av. Prof. Francisco Morato, nº 1565, Jd. Guedala – 05513-900 São Paulo/SP. E-mail: csousa@fcc.org.br

** Doutora em Educação: Psicologia da Educação. Pesquisadora do CIERS-ed da Fundação Carlos Chagas. Bolsista CAPES - processo 4348-08-7. Endereço para correspondência: Av. Prof. Francisco Morato, nº 1565, Jd. Guedala – 05513-900 São Paulo/SP. E-mail: lboas@fcc.org.br

coding phase which enables the use of *SPSS* and *CHIC* to investigate the relationship and involvement of similarity between the categories identified. Results showed that the student's representations indicates a naturalization of economic poverty and cultural richness of the Northeast. However, this naturalization does not produces neither a conflict nor critical approaches which indicates a kind of idealized image of the region.

Keywords: Social Representations – Northeast – Brazil

Introdução

O Nordeste, como região do território nacional¹ que reúne, inicialmente, os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e o território de Fernando de Noronha, foi instituído, oficialmente, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na década de quarenta sendo, posteriormente, incluídos, nesse limite espacial, a Bahia e Sergipe.²

O conceito de Nordeste não é apenas uma realidade concretamente construída (PENNA, 1992) como também uma invenção recente na história do país criada a partir da "... reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 40), que se inicia no começo do século XX de modo a substituir a antiga geografia brasileira distribuída entre Norte e Sul.³ Segundo Martins, essa "invenção" teve também o objetivo de acompanhar "... a própria estruturação do aparato estatal e a formulação da política oficial de planejamento no âmbito regional e local" (1990, p. 54), uma vez que a definição de seus limites espaciais sofre a interferência da criação do Banco do Nordeste do Brasil, na década de 50, quando surge a idéia do "Polígono das Secas" e, posteriormente, com a criação da SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), em 1959.

Pensar o Nordeste como um espaço inventado em um determinado contexto histórico, originado, como ressalta Albuquerque Júnior, "... por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença" (1999, p. 66), é refletir, necessariamente, sobre as representações sociais originadas e veiculadas a partir desse processo de legitimação que naturalizaram a idéia Nordeste ao apagarem as diversidades preexisten-

tes; processo esse que, de acordo com Martins (1990), teve como fator primordial a elaboração de um conceito oficial e científico de Nordeste que teria sido decisivo para a conformação prática de um discurso sobre essa região.⁴

Contudo, não é o objetivo deste artigo analisar o modo como o Nordeste foi historicamente construído ou mesmo naturalizado. A intenção é, justamente, partindo dessa constatação, analisar como os referenciais territoriais instituídos historicamente são representados socialmente por universitários nordestinos e não nordestinos.

¹ O conceito de região como sinônimo de "região natural" ou mesmo como um espaço caracterizado por indicadores compostos a partir de determinados índices, tais como renda, produção agropecuária etc., tem sido atualmente substituído, sobretudo a partir da chamada geografia crítica, pela idéia de que a organização espacial se constitui como uma categoria social e, nesse sentido, o conceito de "região" passa a ser compreendido como "a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade: assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula." (AMADO, 1990, p. 8). É nesse sentido, portanto, que o conceito de "região" será adotado no presente artigo.

² Segundo Albuquerque Júnior (2003), a emergência do conceito Nordeste começa a tomar forma nos anos 20 do século passado, surgindo como um termo que designava a área de atuação da Inspetoria de Obras contra as Secas (IFOCs), criada em 1919. Ainda de acordo com este autor, "Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante dessa área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país." (1999, p. 68).

³ Vale ainda lembrar que, em relação à distinção Norte/Sul, "... em muitos estados do Brasil ainda há uma confusão na denominação do nordestino, que constantemente é chamado de nortista, inclusive os próprios nordestinos migrantes, residentes em São Paulo, no tocante a sua autodenominação." (SULPINO, 2002, p. 110).

⁴ Para mais informações sobre como esse discurso se constituiu em termos regionalistas e históricos, ver Martins (1990).

Nesse sentido, duas direções foram estudadas ainda que, para fins de análise, elas não serão apresentadas em separado: a auto-atribuição e a alter-atribuição, uma vez que os dados foram elaborados por nordestinos e não-nordestinos ainda que se considere que a definição e delimitação do “nós” passa, necessariamente, pela diferenciação do “eles”.⁵

Não se trata, portanto, de realizar uma descrição geográfica dos elementos tidos como regionais, mas sim, a partir de um recorte específico dentro de um estudo mais amplo, analisar o Nordeste como um atributo da nacionalidade que constitui o ser social e que, embora faça referência a diferentes perspectivas (religião, turismo etc.) encontra-se amparada em uma realidade comum, representada socialmente. Isso porque, consoante Lindoso (2006), ao se representar o Nordeste, entram em cena imagens que falam por ele, como a seca, a terra rachada, o cactus etc., de modo que o “texto Nordeste” se apropria do imaginário para ser tecido.

Vale destacar que se empregam aqui as representações sociais como um processo de construção de saberes sociais que “... aglutinam a identidade, a cultura e a história de um grupo de pessoas. Elas se inscrevem nas memórias sociais e nas narrativas e modelam os sentimentos de pertença que reafirmam a membros individuais sua inserção em um espaço humano.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 175).

Isso porque, de acordo com Bezerra de Menezes, “O homem não é um ser abstrato, que vive em levitação, mas se enraíza em espaços determinados, espaços que vêm assim a funcionar como suporte de comunicação, de interrelação, de organização, de sentido e, enfim, de fecundidade: terra matriz e motriz. O homem ‘pertence’ a um espaço. ‘Ser de um certo [sic] lugar’ não expressa vínculo de propriedade, mas uma rede de relações” (1987, p. 188), em que as representações sociais, ao emergirem de um determinado contexto social, apresentam uma ação estruturante ao mesmo tempo em que são socialmente estruturadas.

Assim, tanto a auto-atribuição de certos referenciais de identidade, como a alter-atribuição, atuam como elementos de reconhecimento tendo, nesse processo, uma grande importância:

... as práticas sociais e culturais, enquanto manifestações que podem ser interpretadas e valoradas diferentemente pelo próprio grupo e pelos vários setores que entram em contato, pois tais signos são compreendidos pelos outros conforme os esquemas de percepção e apreciação de que dispõem. E os esquemas culturalmente disponíveis fornecem como base para a atribuição de uma identidade regional, os elementos reconhecidos como típicos. (PENNA, 1992, p. 75).

É nessa perspectiva que se procura, neste artigo, analisar se seria possível identificar, nos dias de hoje, continuidades ou rupturas em relação aos discursos fundadores do Nordeste, investigando, inclusive, como essas continuidades ou rupturas se conformam. Em outros termos, o artigo aqui apresentado relata um estudo sobre o Nordeste como objeto de representações sociais e tem, por objetivo, compreender como os referenciais territoriais instituídos historicamente são representados socialmente pelos universitários e como as identidades nordestinas são simbolicamente representadas em situações determinadas.

Os resultados apresentados nesta pesquisa, realizada com 1029 universitários do primeiro ano dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social de instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras, visam contribuir para um espaço de reflexão teórica e conceitual no campo das representações sociais e para o desenvolvimento de estudos sobre o imaginário do Brasil a partir dessa perspectiva.

As análises aqui realizadas são parte de um projeto mais amplo promovido pelo LEPS – Laboratoire d’Études en Représentations Sociales Fondation da Maison des Sciences de l’Homme (Paris, França), que envolveu pesquisadores do Brasil, da França, do México e da Venezuela. No Brasil, o referido projeto derivou da pesquisa matriz “Imaginário e representações sociais de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira”, que contou com a coordenação nacional da Profa. Dra.

⁵ Evidentemente que a análise dos dados prioriza o estudo dos referenciais alter-atribuídos e auto-atribuídos ao Nordeste pelos participantes da pesquisa, ou seja, não se pretende apontar o que seria “típico” do Nordeste, pensando-o como um elemento isolado e homogêneo, mas antes apontar os caracteres distintivos dessa região de acordo com os universitários da pesquisa realizada.

Clarilza Prado de Sousa (Fundação Carlos Chagas) e com a coordenação internacional da Profa. Dra. Angela Arruda (Universidade Federal do Rio de Janeiro), realizada na Fundação Carlos Chagas e patrocinada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

O estudo mais amplo foi realizado com o objetivo de analisar, sob diferentes perspectivas, a questão nacional. No recorte dos dados realizado, a questão do Nordeste foi investigada sob um ângulo específico, fazendo aflorar o particular. Assim, enquanto a pesquisa matriz permitiu estudar as semelhanças em relação ao Brasil (ARRUDA; ALBA, 2007), o recorte “Nordeste” permitiu captar as diferenças e a multiplicidade com o intuito de observar quais são os referenciais de identidade disponíveis e acessados pelos universitários dos diferentes cursos, quando se trata dessa região, e se estes referenciais são alterados de curso para curso.

Apresentação da pesquisa

A pesquisa matriz contou com universitários de 17 a 24 anos, de ambos os sexos, dos primeiros anos dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social, de 23 Instituições de Ensino Superior, sendo 9 públicas e 14 privadas, localizadas em sete estados (Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul), perfazendo o total de 1029 sujeitos participantes da pesquisa.

A escolha dos cursos universitários dos respondentes levou em conta as carreiras com certa similitude na formação, currículo e composição de nível social da clientela nos países pesquisados, visando maior aproximação dos resultados dos dados coletados no Brasil com aqueles coletados em outros países. Assim, para considerar o nível socioeconômico foram determinados dois grupos de cursos: o primeiro grupo foi formado por estudantes dos cursos de Medicina e Engenharia, constituindo o grupo em que os participantes possuem maior condição econômica; o segundo grupo foi constituído pelos alunos dos cursos de Pedagogia, Serviço Social e Enfermagem, correspondendo aos alunos que possuem menor condição econômica.

Quanto a este item, estudos realizados no Brasil (GOLDSTEIN, 2001; BRANDÃO, 2000; PASTORE; SILVA, 2000; FRANCO; MANDARINO, 2002; CUNHA, 1975; SILVA; HASENBALG, 2000) apontam alguns critérios, tais como família, escolaridade, etnia etc., como influentes no desempenho escolar do indivíduo, o que permitiu traçar similitudes entre os cursos quanto ao nível socioeconômico dos alunos.

De fato, a aplicação do questionário de perfil permitiu traçar uma caracterização ampla de todo grupo quanto ao gênero, à religião, cor auto-atribuída e nível socioeconômico, utilizando o chamado “critério-Brasil” de acordo com as orientações da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado, o que acabou por confirmar os estudos acima referenciados, ao indicar que os universitários do curso de Medicina (29,7%) têm porcentagem mais alta de nível socioeconômico, seguidos dos de Engenharia (24,85). Inversamente, são os alunos dos cursos de Pedagogia e de Enfermagem que possuem a maior porcentagem de alunos no nível socioeconômico, compreendidos como das classes D e E, respectivamente 35% e 27,4%.

No processo de coleta dos dados, além da aplicação de um instrumento de perfil, foram utilizados dois questionários visando caracterizar as representações sociais e o imaginário sobre o Brasil destes alunos. No primeiro desses questionários, era solicitado aos estudantes que desenhassem o mapa do Brasil sem se preocupar com sua exatidão, apenas indicando como imaginavam que ele fosse. A seguir, solicitava-se que desenhassem ou localizassem os elementos que consideravam como os mais prototípicos do país. Por fim, indagava-se o porquê deles considerarem que esses elementos representavam o Brasil e o que era o Brasil para eles.

No segundo questionário, eram apresentados vários mapas administrativos do Brasil com apenas seu contorno, nos quais era solicitado que os respondentes fornecessem informações referentes à distribuição da riqueza e das atividades econômicas; às manifestações culturais e religiosas; às populações de migrantes estrangeiros e aos grupos étnicos; aos locais que guardam relevân-

cia para a nossa história; aos estados e capitais de que se lembram, aos lugares pelos quais têm preferência e aos lugares que conhecem. Também foram propostas frases para preenchimento

e ainda algumas perguntas para explicitar a ilustração de alguns dos mapas. Os mapas referiam-se tanto à dimensão imaginária, como à cognitiva e à afetiva.

Tabela 1 - Distribuição do número de alunos, segundo o curso frequentado e o nível socioeconômico

Curso	Classes NSE – Critério Brasi/ABIPM			Total
	A1 A2 B1	B2 C	D E	
Enfermagem	56	148	32	236
	23,7%	62,7%	13,6%	100,0%
	17,0%	25,4%	27,4%	22,9%
Engenharia	82	99	11	192
	42,7%	51,6%	5,7%	100,0%
	24,8%	17,0%	9,4%	18,7%
Medicina	98	53	3	154
	63,6%	34,4%	1,9%	100,0%
	29,7%	9,1%	2,6%	15,0%
Pedagogia	67	159	41	267
	25,1%	59,6%	15,4%	100,0%
	20,3%	27,3%	35,0%	25,9%
Serviço Social	27	123	30	180
	15,0%	68,3%	16,7%	100,0%
	8,2%	21,1%	25,6%	17,5%
Total	330	582	117	1029
	32,1%	56,6%	11,4%	100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

O tratamento dos dados coletados exigiu uma multiplicidade de processamentos e análises. Para questões abertas, análise do desenho e dos mapas elaborados pelos sujeitos, foi realizada uma análise de conteúdo e, a seguir, empregado o programa ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*). Procedeu-se, ainda, à pré-codificação de questões, o que permitiu um processamento a partir dos programas SPSS (*Statistical Package for The Social Sciences*) e CHIC (*Classification Hiérarchique Implicative et Cohésitive*) com o propósito de investigar a relação de similitude e implicação entre as categorias identificadas.

Neste texto serão destacados apenas os dados que permitam analisar o recorte aqui proposto, ou seja, o Nordeste.

○ Nordeste na visão dos estudantes da pesquisa

A representação social possui três dimensões: informação, atitude e o campo de representação ou a imagem, segundo propõe Moscovici. Como afirma o autor, “... a informação relaciona-se com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social.” (1978, p. 67); a atitude refere-se à orientação positiva ou negativa em relação ao objeto de representação, no nosso caso, o Nordeste. O campo, ou representação, “... remete-nos à idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação.” (1978, p. 69). Ainda de acordo com Moscovici (1978), são essas três dimensões – informação, atitude, campo de repre-

sentação –que permitem a visão do conteúdo e do sentido das representações sociais.

Levando isso em consideração, o presente estudo, ao procurar identificar as representações sociais de universitários sobre o Nordeste, analisa o quanto e como os participantes da pesquisa conhecem sobre o objeto de representação a ser in-

vestigado, qual o nível de conhecimento que evidenciam sobre o Nordeste, além de analisar atitudes e imagens que fazem desse objeto. Nas análises realizadas, fica claro como essas três dimensões se entrelaçam e como a informação tem um papel fundamental na definição da imagem das representações sociais sobre Nordeste.

Tabela2 – Estados e capitais do Nordeste assinalados corretamente no mapa do Brasil segundo o conjunto dos participantes

Estados	%
Bahia	59,09
Pernambuco	29,15
Maranhão	28,77
Ceará	23,42
Rio Grande do Norte	22,84
Piauí	22,64
Sergipe	22,16
Alagoas	19,05
Paraíba	16,33

Os dados identificaram que, para os estudantes consultados, o Nordeste é, sobretudo, a Bahia. Ao solicitar aos respondentes que indicassem, em um mapa administrativo do Brasil, os Estados brasileiros com a sua respectiva capital, observou-se que a Bahia e o Amazonas foram os Estados que obtiveram o maior índice de acertos (59,09% e 55,98%, respectivamente) sendo seguidos depois por São Paulo (49,17%) e Rio de Janeiro (48,2%).

A mesma tendência de resultados se repete quando se solicita aos alunos que indiquem o nome dos Estados que eles julgam possuírem maior informação. Dentre os assinalados, a Bahia é o que apresenta o maior número de referências (45,38%), seguida de Pernambuco (17,78%). Vale ressaltar que participaram da pesquisa estudantes de universidades pernambucanas em igual proporção à de universidades baianas.

Ao se indagar qual o Estado que eles conhecem do Nordeste, mais uma vez é o Estado da Bahia que é mencionando, parecendo indicar uma metonímia em que se toma um Estado pelo todo.

Isso é mais intrigante justamente pelo fato do Estado da Bahia que, segundo os dados é representativo do Nordeste, foi um dos últimos a integrar administrativamente essa região. Também o Estado da Bahia é o citado como o mais visitado pelos estudantes (29% das respostas), seguido de Sergipe (10%) e de Pernambuco (7,8%).

O estudo permitiu analisar também se os alunos tinham uma referência territorial correta de todas as regiões do Brasil. A análise dos desenhos e das respostas mostrou que, em linhas gerais, comparando-se os lugares assinalados no mapa com os nomeados pelos participantes, há uma tendência (89,5%) de indicar a região correta. Ou seja, o lugar numerado no mapa corresponde à região descrita pelos participantes, o que permite afirmar que, *grosso modo*, os participantes da pesquisa têm uma noção espacial do mapa do Brasil distribuído por região, ainda que a distribuição pelos Estados brasileiros não evidencie esse conhecimento, haja vista que, exceção feita aos estudantes das universidades pernambucanas, a região Nordeste aparece representada pela Bahia.

Tabela 3 – Estados sobre os quais o conjunto dos participantes afirma ter informação

Estados	%
Bahia	45,38
Pernambuco	17,78
Maranhão	11,18
Ceará	10,79
Rio Grande do Norte	8,75
Sergipe	6,90
Piauí	6,80
Paraíba	6,61
Alagoas	6,22

A análise da congruência entre o local assinalado no mapa e a nomeação desse local de acordo com a importância atribuída pelo participante da pesquisa é apresentada na Tabela 4 abaixo. Tal congruência permite afirmar que, de modo geral, os estudantes têm

uma noção espacial do mapa do Brasil distribuído por região, o que permite avaliar a informação que eles têm acerca dessa questão. Este aspecto é muito importante na medida em que permite acatar, com maior confiabilidade, as escolhas feitas.

Tabela 4- Análise da congruência entre o local assinalado no mapa e a nomeação deste local

		99 (Em branco)	N	NE	CO	SE	S	Total	% C
q15_1	99 (Em branco)	112	6	13	5	3	1	140	13,6%
	Norte	14	62	9	1	1	-	87	8,5%
	Nordeste	29	14	515	3	16	2	579	56,3%
	Centro Oeste	3	3	5	12	9	-	32	3,1%
	Sudeste	10	3	10	5	92	2	122	11,9%
	Sul	9	-	2	2	3	25	41	4,0%
	Códigos Estranhos	3	2	13	1	5	-	28	2,7%
	Total	180	90	567	29	129	30	1029	100,0%
% L		17,5%	8,7%	55,1%	2,8%	12,5%	2,9%	100,0%	
Coincide		10,9%	6,0%	50,0%	1,2%	8,9%	2,4%	79,9%	
Não coincide		6,6%	2,7%	5,1%	1,7%	3,6%	0,5%	20,1%	
Não coincide no grupo		37,8%	31,1%	9,2%	58,6%	28,7%	16,7%		

Ao pedir aos alunos que indicassem, nos mapa, as regiões que consideravam mais importantes para a história do Brasil, numerando em ordem crescente de importância de 1 a 5 (1 = o mais importante), observa-se, nos dados apresentados na Tabela 5, que há uma concentração de respostas no Nordeste enquanto que, nas demais escolhas, há certa dispersão dos resultados. Ainda é preciso assinalar que,

mesmo na segunda escolha, quando a região Sudeste aparece em primeiro lugar, ela é seguida novamente pela região Nordeste e que somente na terceira escolha, observa-se que as outras regiões são assinaladas como de importância histórica. Na terceira escolha, aparece a região Sudeste em primeiro lugar, seguida pela região Sul, como mais importantes para a história do país.

Tabela 5 - Frequência e porcentagens das respostas dos alunos, segundo escolha do lugar considerado como mais importante para a história do Brasil e o curso.

Questão		Curso									
		Enfermagem		Engenharia		Medicina		Pedagogia		Serviço Social	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
O 1º lugar mais importante	N	20	8,5%	15	7,8%	2	1,3%	34	12,9%	19	10,6%
	NE	149	63,1%	115	59,9%	117	76,0%	108	41,1%	78	43,3%
	CO	6	2,5%	2	1,0%	1	0,6%	14	5,3%	6	3,3%
	SE	32	13,6%	22	11,5%	20	13,0%	36	13,7%	19	10,6%
	S	4	1,7%	8	4,2%	2	1,3%	12	4,6%	4	2,2%

Aos alunos que apresentaram as respostas organizadas na Tabela 5, acima indicando as regiões que apresentavam maior importância para a história do Brasil, também se solicitou que indicassem, na região, os lugares ou o Estado que apresentassem maior importância histórica. A análise dos dados apresentados na Tabela 6 deixa claro a predominância do Nordeste como um todo e, especificamente, a ênfase no Estado baiano. Tomando apenas os dados dos alunos que escolheram, em primeiro lugar, a região Nordeste, verifica-se que

sua preferência é dada, em primeiro lugar, para o Nordeste como um todo, sem mencionar um lugar preciso, em seguida, de acordo com a tendência geral, indicam o Estado da Bahia. Há, no entanto, pequena diferença nesse grupo quanto à escolha de acordo com os cursos. Assim, Engenharia, Pedagogia e Serviço Social elegem, com maior porcentagem de referências, o Estado da Bahia e depois o Nordeste; enquanto que, nos de cursos de Enfermagem e de Medicina, ocorre o contrário: primeiro é citado a Bahia e depois o Nordeste.

Tabela 6 - Distribuição das respostas dos alunos, segundo a apresentação dos nomes dos lugares mais importantes para a história do Brasil e o curso - resultados preliminares

Questão 1		Curso									
		Enfermagem		Engenharia		Medicina		Pedagogia		Serviço Social	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
O 1º lugar mais importante	Nordeste	65	28,0%	46	24,1%	63	41,2%	45	17,1%	25	14,2%
	Litoral do Nordeste	5	2,2%	3	1,6%	2	1,3%			1	0,6%
	MA					1	0,7%				
	CE					1	0,7%				
	RN			1	0,5%						
	PE	8	3,4%	5	2,6%	4	2,6%	8	3,0%	4	2,3%
	PE e Recife	1	0,4%					3	1,1%		
	Recife Olinda							1	0,4%		
	AL					1	0,7%			1	0,6%
	Bahia	50	21,6%	54	28,3%	33	21,6%	55	20,9%	37	21,0%
	BA e Salvador	10	4,3%	7	3,7%	6	3,9%	7	2,7%	5	2,8%
	BA e Salvador e outras cidades	6	2,6%	2	1,0%	7	4,6%	3	1,1%		
BA, Salvador e litoral	1	0,4%	2	1,0%							

Realizou-se também a análise da justificativa dos participantes quanto ao porquê da importância histórica indicada. Ao investigar o conteúdo destas respostas, considerando que a questão indagava sobre a história do Brasil, procurou-se verificar se os alunos caracterizavam a dimensão temporal como argumento justificatório da importância. Observou-se, no entanto, uma característica particular, evidenciando que a dimensão temporal que atravessa as respostas dos sujeitos mescla, na justificativa, o tempo passado, presente e futuro. Assim, as repostas incluem desde características do passado como “fundação do Brasil” e “índios/primeiros habitantes”, como aspectos do presente relativos ao folclore, às artes e à geografia. No entanto, quanto ao futuro, as expectativas de desenvolvimento, mesmo que vagas, são apontadas para o Estado da Bahia

As análises realizadas quanto às manifestações culturais revelaram que, para 57% dos participantes, a região Nordeste é a que apresenta mais importância no que tange às manifestações culturais, independentemente do curso, da região em que ele é oferecido ou mesmo do Estado de nascimento dos universitários. Assim, dos 581 universitários que assinalam a região Nordeste como sendo de maior relevância cultural, estes, ao especificarem suas respostas, nomeiam o Estado da Bahia que aparece citado por 25,6% dos universitários. Faz exceção aos alunos da região Sul, sobretudo os nascidos nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para os quais tanto o Nordeste quanto o Sul se equivaleriam em termos de relevância cultural.

O Nordeste, para os participantes da pesquisa, é uma região em que estaria presente uma grande variedade de manifestações culturais que podem ser categorizadas da seguinte forma: 1. cultura, estilo de vida, costumes; 2. culturas locais; 3. artes; 4. artesanato; 5. música, danças, cantos e festas; 6. literatura, mídia; 7. manifestações religiosas, crenças e credences; 8. festas regionais ou sazonais, festivais, shows, feiras e eventos; 9. folclore, lendas e mitos; 10. arquitetura, turismo e pontos turísticos; 11. culinária, alimentos, produtos regionais típicos e bebidas; 12. história.

Dentre as categorias acima, 49% dos participantes da pesquisa destacam, em primeiro lugar, como sendo representativas da região Nordeste as

manifestações culturais relacionadas à culinária, alimentos, produtos regionais típicos e bebidas, seguidas do carnaval e de danças e festas regionais com 26%, respectivamente, das escolhas e, em terceiro lugar, com 24% das escolhas estão o artesanato, a música, danças, cantos e festas, inclusive as regionais ou sazonais.

A pesquisa envolveu consultas sobre a visão da composição étnica de cada Estado. Assim, consultados sobre a população imigrante que integraria os Estados do Nordeste, observou-se que, para 37% dos participantes da pesquisa, o Nordeste seria a região que apresenta o maior número de descendentes de africanos em geral, seguido de portugueses (20%) e de holandeses (15%).

Em relação à representação que se tem do nível sócio-econômico da região, notou-se que, para 70% dos participantes da pesquisa, o Nordeste se caracteriza como uma região habitada majoritariamente por pobres e miseráveis; 14,7% indicaram que não há aí nem ricos, nem pobres e apenas 15,3% identificaram o Nordeste como região em que moram os considerados muito ricos. Ao procurar explorar a visão que tinham das atividades econômicas desenvolvidas na região, registrou-se que 76,2% dos participantes apontam o turismo como a mais relevante atividade na região, seguida da cultura da soja e da cana-de-açúcar com 44,9% das escolhas e da cultura de frutas e hortaliças (36%).

Os resultados até aqui apresentados permitem discutir algumas conclusões e compreender a dinâmica das representações sobre o Nordeste dos alunos participantes da pesquisa. Passa-se a apresentá-las a seguir.

Algumas considerações finais

Pode-se afirmar que, para os participantes da pesquisa, a representação social do Nordeste está, sobretudo, ancorada na imagem e nas informações que os alunos têm do Estado da Bahia. A análise dos lugares mais importantes para a história do Brasil parece corroborar essa hipótese interpretativa uma vez que a região Nordeste é assinalada no mapa por 56,3% dos participantes como a de maior relevância histórica. No entanto, quando se solicita uma especificação desses lugares ou regi-

ões, observa-se que, além do Nordeste (42,14% das escolhas), o Estado da Bahia com 39,5% é indicado como o lugar que simboliza essa relevância histórica. Parece não haver uma discriminação entre os estudantes de outros Estados entre os diferentes Estados do Nordeste e, mesmo entre os estudantes do Norte, a região Nordeste é simbolizada pelo Estado da Bahia.

Observa-se, no entanto, que o Nordeste apresenta-se descrito com manifestações culturais fruto de uma região “pura”, livre das influências estrangeiras, onde a nacionalidade se preserva, não sendo associada ao desenvolvimento econômico. Tal visão poderia indicar uma resistência à civilização e à modernidade, apresentando o Nordeste como o local onde se mantém o mito fundador. Segundo

Barbalho (s/d), o Nordeste, supostamente por não estar corrompido pelos valores da modernidade, abrigaria aquilo que, um dia, foi a “alma” do povo brasileiro.

As representações dos estudantes sobre o Nordeste indicam uma naturalização da pobreza econômica e riqueza cultural que, no entanto, não se traduz em um conflito mobilizador de crítica. Há quase um romantismo tradicional e sedimentado na descrição do Nordeste que não abre espaço para outras visões de modernidade e conflitos econômicos. As informações que o aluno tem da Bahia, neste sentido, vem corroborar essa visão. O conhecimento da Bahia, generalizado para o Nordeste, é um conhecimento folclórico, simplificado, do turista eventual, mas de grande valorização da Bahia e dos baianos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste, 1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero; MCT/CNPq, 1990. p. 7-15. (Onde está a República?).

ARRUDA, Angela, ALBA, Martha de. **Espacios imaginarios y representaciones sociales**: aportes desde Latinoamérica. México: Anthropos, 2007.

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade**: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Barbalho.pdf. Acesso em: 01 jun. de 2009.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987. p.182-190. (Fundamentos).

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A. (Org.) **Família e escola**: trajetória de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 171-183.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento educacional no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

FRANCO, C., MANDARINO, M. C. F., ORTIGÃO, M. I. O Projeto pedagógico e os resultados escolares. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 477- 497, dez. 2002.

GOLDSTEIN, H. Modelos da realidade: novas abordagens para a compreensão de processos educacionais. In: FRANCO, C. **Ciclos de avaliação educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.85-99.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do Saber**. Petrópolis: Vozes, 2008

LINDOSO, Ester. Identidade Nordestina: de imaginário, estereótipos e humor. **Labirinto - Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário da Universidade Federal de Rondônia**. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/notas.html> (Página Inicial: Primeiras Notas). Acesso em: jan de 2006.

MARTINS, Paulo Henrique. O Nordeste e a questão regional. In: SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero; MCT/CNPq, 1990. p. 51-65. (Onde está a República?).

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PASTORE, J.; SILVA, N.V. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, N.V.; HASENBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. **Dados**: revista de ciências sociais, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. A construção do Nordeste nas músicas de forró. **Conceitos**, João Pessoa, v. 5, n. 7, p.108-112, jan./jun., 2002.

Recebido em 12.05.09

Aprovado em 12.06.09